

A Mulher Negra e o Jornalismo Televisivo: Representatividade e Identidade na Televisão¹

Letícia Damasceno CORREA²

Graduanda

Christina Ferraz MUSSE³

Doutora

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O presente artigo visa analisar e propor uma reflexão sobre a influência da jornalista negra do telejornalismo na autoestima e no empoderamento de meninas negras telespectadoras no país. O artigo busca reconhecer a relação de identificação que é criada a partir da presença dessas jornalistas nos horários nobres dos telejornais da Rede Globo a partir de uma análise do Instagram das profissionais citadas.

Palavras-chave: Histórias das mídias audiovisuais; Jornalistas; Negras; Empoderamento; Instagram.

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia. Este trabalho é concorrente ao Prêmio José Marques de Melo.

² Aluna do curso de jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF; e-mail: lehdamasc21@gmail.com

³ Professora orientadora desse trabalho. Docente na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia – Alcar. Membro da Rede Telejor (SBPjor) e da Rede Jornalismo, Imaginário e Memória – JIM. Líder do grupo de pesquisa CNPq/Comunicação, Cidade e Memória – Comcime. E-mail: cferrazmusse@gmail.com

1. Introdução

Levantar a bandeira do movimento negro hoje é persistir no tempo e desvelar uma série de silenciamentos, embranquecimento e segregação. É preciso compreender toda a história da escravidão e de como a abolição ocorreu. Para Sylvia Nunes, para se entender o racismo na atualidade é preciso compreender as marcas da escravidão no país.

Para entendê-las, é preciso não esquecer os navios negreiros e os objetos de tortura. É preciso lembrar que a abolição foi lenta. Mas é preciso também pensar o lugar que a ciência ocupou na consolidação do preconceito contra os negros. Para que se lute contra o racismo é primeiramente reconhecer que ele existe. Sem essa “confissão tira-se do foco o alvo que quer atingir” (NUNES, 2006, p.90).

O preconceito continua perdurando desde o dia 13 de maio de 1888. Vejam-se as diferenças salariais, como aponta a matéria do jornal “O Globo”, divulgada no dia 14 de março de 2021. (O Globo, março, 2021). A diferença salarial entre brancos e negros chegou a R\$1.492,00, no terceiro trimestre de 2020, e é a maior desde 2012. Isso está ligado às dificuldades de acesso às oportunidades, desde educação, até saúde e lazer, o que reforça a já existente diferença entre brancos e negros. Além desta, existem ainda as diferenças de gênero, acentuadas pelo regime patriarcal.

A situação da mulher negra na sociedade é uma das mais complexas formas de discriminação. Ela se impõe justamente nas condições do novo raça- gênero-classe e, igualmente, deve considerar outras dimensões como a sexualidade e as características geracionais. No Brasil, a violação colonial trouxe particularidades às mulheres, principalmente as negras, por isso não se pode falar da condição da mulher negra no país sem antes considerar sua historicidade, sem retornar ao peso que a escravização de negros/as impôs ao país (PAIVA; CAMPOS, 2018, p.3).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a maioria da população brasileira é do sexo feminino. As mulheres representam 51,8% da população. Mesmo em grande número, enfrentam desigualdades e estão mais expostas à violência.

Essa diferença na rentabilidade auxilia na manutenção da hierarquia de gênero, perpetuando a submissão da mulher ao homem já culturalmente difundida na sociedade através do patriarcado, contribuindo como base para discriminação e violência. Também é possível considerar que, mesmo com a conquista de alguns direitos igualitários, principalmente os constitucionais, os mesmos são dificultados perante o gênero, já que o patriarcado estabelece que há lugares

específicos para ocupação da mulher e também afetado pelo baixo poder aquisitivo da mulher (PAIVA; CAMPOS, 2018, p.5).

Diante de tamanha desigualdade, surgiu um movimento de empoderamento feminino, em meados do século XIX, para romper com os padrões e obrigações que eram então impostos às mulheres pelos homens. A partir da Revolução Industrial, quando as mulheres começaram a trabalhar e viraram força econômica, grupos feministas se espalharam pelo mundo, na busca por direitos como o voto, o que aconteceu em 1932, e o direito à separação, em 1977, no Brasil.

A partir dessas conquistas, a mulher ganha outro papel fundamental, que é o de incentivar e inspirar outras mulheres a seguir na luta. Entramos assim em um dos papéis sociais do Jornalismo, que é a luta contra o preconceito e a desigualdade, independente da forma como eles se façam presentes, e pela quebra de padrões existentes ainda, sobrevivendo na resistência.

O presente artigo analisa a rede social Instagram de seis apresentadoras e repórteres, de diferentes estados do país, com o intuito de compreender a relação existente entre elas e as telespectadoras. Elas foram escolhidas usando o critério de regionalidade e engajamento na rede social citada. Segundo Recuero (2019), citado por Moscon e Ribeiro (p.3, 2018), as redes sociais virtuais permitem que os seus usuários possam produzir diversos conteúdos e compartilhá-los com os componentes da sua rede, proporcionando a interação no ambiente virtual e a constituição de comunidades online. Deste modo, na contemporaneidade, o mundo virtual se expandiu e junto com ele houve a expansão do social, pois agora, é possível compartilhar aspectos da vida particular com outros usuários do ambiente virtual, criando relações virtuais.

Além delas, as jornalistas Glória Maria e Zileide Silva são citadas nesse artigo por serem pioneiras como mulheres negras a frente do jornalismo da emissora Globo.

2. O início de um novo momento no Jornalismo

A jornalista Glória Maria, de acordo com o “Memória Globo”, estreou como repórter na cobertura do desabamento do Elevado Paulo de Frontin⁴ no Rio de Janeiro,

⁴ Parte da estrutura do Elevado Paulo de Frontin, erguido sobre a Avenida Paulo de Frontin, no Rio de Janeiro, ruiu no dia 20 de novembro de 1971. De acordo com o Memória Globo, a causa provável da queda teria sido a passagem de um caminhão com oito toneladas de concreto pelo viaduto, que ainda estava na fase final da construção. Quarenta e

em 1971. A primeira repórter negra da TV Globo, a primeira a entrar ao vivo e em cores no “Jornal Nacional”⁵, integra o time do programa “Globo Repórter”, desde 2010. Viajou o mundo, entrevistou grandes personalidades como Mick Jagger, Michael Jackson, Madonna e Freddy Mercury, e permaneceu por uns bons anos sendo a única profissional negra na reportagem do telejornalismo da rede Globo.

Como apresentado na Figura 1, a seguir.

Figura 1 - Entrevista Glória Maria e Michael Jackson



Fonte: “Vídeo Show”/TV Globo (1971)

Em entrevista ao programa “Conversa com Bial”, em maior de 2020, ela relembrou de um episódio com o ex-presidente João Figueiredo, com quem tinha um e, segundo a entrevista, era explícito: a cor. Mesmo trocando o governo, ela ainda ouvia da equipe do também ex-presidente Ernesto Geisel: “Tira aquela neguinha da Globo daqui”. E, para ela, isso não mudou.

Tá racista igual. A única diferença é que hoje as coisas ganham uma proporção maior, nada mudou. A discriminação continua igualzinha, as pessoas acham que hoje é pior. Não, não. Quem não gosta de preto, não gosta. (CONVERSA com Bial, mai.2020).

Figura 2 - Glória Maria no programa “Altas Horas”

oito pessoas ficaram soterradas e vinte mil toneladas de concreto desabaram esmagando vinte carros, um ônibus e um caminhão.

⁵ O “Jornal Nacional” é um telejornal brasileiro, produzido pela rede Globo. Exibido desde 1969, de segunda-feira a sábado, às 20h30.



Fonte: Marcos Mazini/Gshow (2016)

Em 1997, 26 anos após a estreia de Glória Maria em rede nacional, Zileide Silva estreou como repórter na área de economia, também atuando em Brasília na cobertura de política. Foi correspondente em Nova York e fez parte da equipe de cobertura do atentado de 11 de setembro. Hoje atua como repórter especial em Brasília.

Em entrevista ao jornal “O Globo”, em 2013, ela contou um pouco do papel de referência que exerce para outras famílias. Ela recordou como era abordada pelos seguranças no Palácio do Planalto.

Eles dizem: “Se você conseguiu, meus filhos também podem”. Fico orgulhosa, porque os filhos deles já se identificam com alguém, o negro já obteve referência. Temos uma Taís Araújo, como protagonista. É uma conquista de espaço e fico feliz de estar neste grupo. Pena que somos poucos. (O GLOBO, nov. 2013).

Figura 3 - Zileide Silva durante cobertura em Brasília



Fonte: Reprodução/TV Globo (2021)

3. A autoaceitação e o empoderamento

A questão racial coloca em pauta não somente a discriminação, mas também a aceitação dos fenótipos, características próprias do indivíduo possíveis de serem observadas. São essas características que representam o ser como ele realmente é. Características essas que podem ser e são ainda desrespeitadas pela imposição de um padrão de beleza de origem europeia, onde o negro continua resistindo a suas raízes e a preservação de seus traços.

A moda enquanto instrumento cultural é tradicionalmente confundida com o padrão estético europeu: branco, magro, de cabelos lisos. Essa moda, que historicamente não atende aos corpos negros que por muitos anos precisou se adequar às vestimentas e às formas europeias de produção para assim poder se enquadrar em um padrão aceitável na sociedade, hoje é plural e descentralizada. Falamos de uma moda produzida no seio da cultura popular, dos movimentos sociais e que passou a ganhar uma conotação de enfrentamento. (OLIVEIRA, novembro, 2018, p.4)

Esse padrão europeu é imposto logo na infância, onde até os próprios brinquedos, como as bonecas, não se assemelhavam a própria criança negra. Além dos brinquedos, a falta da representatividade nas capas de revistas e na frente das telas, seja no cinema, nas novelas e nos telejornais, que é o foco desse artigo, deixaram marcas na vida da mulher negra. A cantora e compositora carioca Teresa Cristina disse em entrevista à revista Vogue Brasil como momentos da infância ainda afetam a saúde mental de muitas.

Primeira dificuldade que a mulher negra encontra é a própria aceitação da nossa condição, falando por mim. Na minha infância, eu rapidamente entendi que eu era mulher negra porque no colégio me apontava, isso era um assunto, era motivo de deboche comigo, era motivo de agressões verbais e as vezes físicas (...) não me foi ensinado que o Brasil é cheio de mulheres negras, com uma história de luta e de resistência, isso eu vim aprender muito mais tarde. Essa lembrança que eu tenho da minha infância, das mulheres que eu deveria ter como espelho, as mulheres não tinham nada a ver comigo. (Teresa Cristina para a Vogue Wellness Summit, março, 2021)

Uma das maiores dificuldades da mulher negra é na aceitação de assumir os próprios cabelos, sejam eles crespos ou cacheados. Assumi-los hoje é visto como um ato de resistência a todo o padrão imposto. A própria estética televisiva ainda passa por um processo de ruptura com o padrão europeu. A apresentadora Aline Aguiar, da Globo Minas, relatou em suas redes sociais o processo de transição capilar que iniciou em janeiro de 2015 como sendo um processo de autoconhecimento e aceitação, mas também de dor.

É difícil desconstruir a lógica eurocêntrica de beleza, mas é importante. Pela nossa existência. Pelo não silenciamento da nossa história. Na época da colonização, as africanas que chegavam ao Brasil na condição de escravas tinham o cabelo raspado com a justificativa da higienização, mas historiadores contam que a intenção da raspagem era para que as negras não tivessem referência, não se identificassem. Um apagamento já que o cabelo e os penteados afro simbolizavam poder e identificavam a etnia daqueles povos. Hoje, muitos anos depois disso tudo, considero o assumir o cabelo crespo e cacheado natural um resgate da nossa identidade e da nossa história. É um grito de existência. E resistência. (AGUIAR, Aline. Maio, 2020).

A presença da mulher negra empoderada que perpetua e reconhece o seu papel social gera resultados. Das várias mensagens que a jornalista Aline Aguiar recebe no seu *direct* do Instagram, uma delas retratou o quão importante é ocupar um lugar de destaque no telejornalismo diário assumindo suas raízes.

Figura 4 – Fotos da Aline Aguiar



Fonte: Aline Aguiar (2021)

Apesar de todas as quebras de padrões e avanços na luta contra o racismo e preconceito, mulheres negras ainda são as maiores vítimas de comentários depreciativos nas redes sociais. Um estudo realizado pelo pesquisador Luiz Valério Trindade, que defendeu sua tese de doutorado na Universidade de Southampton, na Inglaterra, mostrou que as mulheres negras causam incômodo em um modelo de construção social machista e racista. O estudo analisou mais de 109 páginas de Facebook e 16 mil perfis de usuários. 65% dos usuários que disseminam intolerância racial são homens na faixa de 20 a 25 anos. Já 81% das vítimas de discurso depreciativo nas redes sociais são mulheres negras entre 20 e 35 anos (Agência Brasil, 2018).

Figura 5 – Mensagem através de rede social



Fonte: Aline Aguiar (2021)

Entre as principais vítimas desses ataques nas redes, estão médicas, advogadas, engenheiras e jornalistas negras.

A invisibilidade dos afrodescendentes no telejornalismo brasileiro, principalmente em relação às mulheres, pode se dar por meio da dificuldade em aceitar o diferente. Nesse caso, “diferente” está relacionado ao fato de as pessoas não estarem acostumadas a ligarem suas televisões e verem jornalistas que não se enquadram no padrão europeu apresentando as notícias. Para alguns espectadores, eles podem causar desconforto e até mesmo repulsa e, por isso, podem sofrer ataques virtual e pessoalmente. (Albuquerque, 2016.A Representação do Negro no Telejornalismo).

Em 2020, a jornalista Aline Aguiar sofreu ataques racistas na internet. O comentário foi sobre o seu cabelo, que foi comparado a uma esponja de aço.

Figura 6 - Notificações da rede social



Fonte: Aline Aguiar (2021)

Assim como com a Aline, com Maria Júlia Coutinho, a primeira mulher negra a ocupar a bancada do Jornal Nacional, não foi e não é diferente. Em setembro de 2015, a jornalista foi alvo de comentários racistas na página do Facebook do Jornal Nacional. De acordo com o Memória Globo, cerca de 50 pessoas publicaram comentários ofensivos, de cunho racista, direcionadas a repórter. Os comentários causaram uma revolta nos internautas que manifestaram apoio a jornalista.

Willian Bonner e Renata Vasconcellos, ambos âncoras do Jornal Nacional, também manifestaram apoio a jornalista. Publicaram um vídeo com a hashtag #SomosTodosMaju, que chegou ao trending topics do Twitter. Na edição do Jornal Nacional do dia 3 de setembro de 2015, a jornalista se posicionou ao vivo sobre o assunto.

“Eu já lido com essa questão do preconceito desde que eu me entendo por gente. Claro que eu fico muito indignada, fico muito triste com isso, mas eu não esmoreço, não perco o ânimo, porque isso é o mais importante”.

Figura 7 - Jornalista Maju em programa ao vivo



Fonte: Reprodução/TV Globo (2021)

Maria Júlia Coutinho, com mais de um milhão e meio de seguidores no Instagram, compartilha na rede sua rotina profissional e pessoal. Através do Instagram e de outras redes sociais, recebe o carinho e a admiração dos seguidores. Em especial, meninas negras. Desde o primeiro momento em que “Maju” passou a apresentar telejornais de grande audiência, as mensagens dos fãs se multiplicaram e sempre com a frase “eu pareço com você” ou “você lembra a minha filha”.

Figura 8 - Fotos do Instagram da jornalista Maju Coutinho



Fonte: Maju Coutinho (2021)

Figura 9 - Fotos do Instagram da jornalista Maju Coutinho



Fonte: Maju Coutinho (2021)

Em entrevista à revista Quem, da Globo, Maju expôs opinião sobre ser referência como mulher negra no telejornalismo.

“É um pouco pretencioso falar isso, mas espero ser. O meu sonho é ser um bom exemplo, especialmente para meninas negras. Elas precisam ter mais referências. Mas não pode ficar o peso por anos apenas na Glória Maria, na Zileide Silva (ambas jornalistas da Tv Globo), ou mesmo na Maju. Temos que ser várias, muitas, a ponto de nos confundirem, como fazem com as jornalistas loiras.”

4. Novos rostos negros na televisão

A luta antirracista começa de dentro para fora. Essa é a mensagem que entendemos sobre o empoderamento da mulher negra hoje, que busca reconhecer a beleza em si, para quebrar padrões estéticos e ocupar espaços, cada vez mais espaços. Mulher negra, que assume seu *black power* e suas raízes, está quebrando a ideia da supremacia branca, excluindo a ideia de que existe somente um tipo de beleza.

Após 50 anos de existência do Jornal Nacional, em 2019, Maria Júlia Coutinho foi a primeira mulher negra a apresentar o telejornal de maior audiência da TV Globo. Apesar de tardio, não se pode negar que foi de imensa importância para o movimento negro e que levou provocou reflexão sobre a quantidade de negras e negros dentro dos veículos de comunicação do país. No livro “Pequeno Manual Antirracista”, a autora Djamila Ribeiro expressa em um trecho a necessidade de cessar a ideia do “negro único”.

“No entanto, pessoas negras não são todas iguais, e Fulano, por melhor que seja, não pode representar todos os negros. Dessa forma, é preciso romper com a estratégia do “negro único”: não basta ter uma pessoa negra para considerar que determinado espaço de poder foi “dedetizado contra o racismo”. A herança escravista faz com que o mundo do trabalho seja particularmente racista – o que também o torna um dos espaços em que a luta antirracista será transformadora”.

Não só nos telejornais nacionais, mas também locais, a crescente presença de jornalistas negras nas afiliadas da TV Globo é perceptível. Analisamos o perfil do Instagram de outras quatro jornalistas de distintas afiliadas da Globo no país. Todas compartilham a importância da representatividade com os seguidores e o peso que a elas é atribuído.

A repórter e apresentadora Fernanda Carvalho da RBS, afiliada Globo no Rio Grande Sul, usa o espaço do Instagram como forma de destacar a luta dos seus ancestrais para que ela ocupasse o espaço que ocupa hoje. Destaca através das postagens a missão

de representar um coletivo, tantas outras meninas e mulheres negras que veem nela uma inspiração.

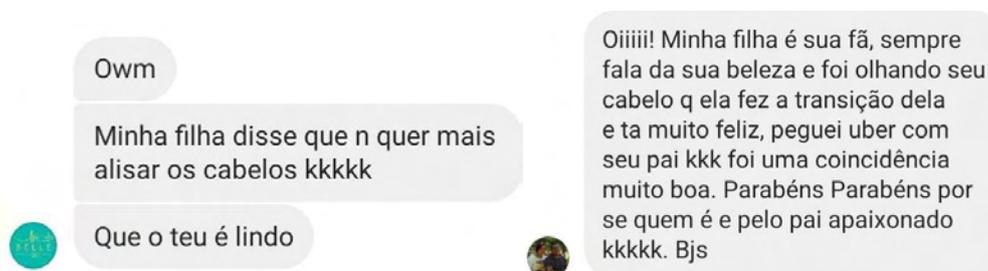
Figura 10 - Repórter e apresentadora Fernanda Carvalho



Fonte: Fernanda Carvalho (2021)

A repórter Yanka Oliveira, da TV Cabo Branco, na Paraíba, destaca nas redes sociais o orgulho da sua cor e do seu cabelo, que lhe rendeu várias mensagens de seguidoras que vão abandonar os métodos de alisamento após vê-la na televisão.

Figura 11 - Mensagens de redes sociais



Fonte: Yanka Oliveira (2021)

A apresentadora Gabriela Dias, da TV Tem, afiliada Globo em São Paulo, compartilhou em uma publicação um momento pessoal, de insegurança estética. Destacou que mesmo tendo espelhos, não foi fácil estar em frente as câmeras da televisão aberta, onde ela sempre quis estar. Ela expôs em uma publicação (29 de abril de 2021), que ouviu de uma pessoa que “o cabelo que ela tinha era igual ao dela” e isso a deixou a pasma. São nessas falas, carregadas de preconceitos, que ela sabe o tamanho da missão que tem de quebrá-los.

Figura 12 - apresentadora Gabriela Dias



Fonte: Reprodução/TV Globo (2021)

Nessa mesma publicação, Gabriela cita outra jornalista, a repórter Eliane Moreira, da TV Integração. As duas trocaram mensagens sobre o assunto e se tornaram mais próximas a partir disso. O perfil de Eliane Moreira, assim como as demais, é carregado de publicações que destacam além do seu trabalho no telejornalismo local, a importância de bater na mesma tecla até que todos entendam que a representatividade realmente importa.

Figura 13 - Repórter Eliane Moreira



Fonte: Eliane Moreira (2021)

Em uma de suas recentes postagens, Eliane coloca o quanto o processo de autoaceitação não é fácil, mas se faz necessário para exterminar o preconceito ainda muito presente na sociedade.

Durante muito tempo eu tentei entender porque eu não tinha o papel de destaque nos teatros da escola (a única vez que lembro foi quando completaram 500 anos de ‘descobrimento’ do Brasil. Eu fui uma escrava que tinha bastante falas). Também nunca entendi porque nunca fui chamada pra ser dama de honra nos casamentos. E olha que fui criada em uma comunidade religiosa - igreja evangélica - onde sempre tem casamentos. Não me lembro de damas negras

(nem nos casamentos das mulheres negras). Eu nunca fui a primeira a ser olhada em uma festa. Principalmente quando saía com as amigas brancas / loiras. “Você é muito bonita.” Diziam os namorados das minhas amigas depois de nos conhecermos. Mas nenhum deles nunca teve uma namorada negra (obs.: isso inclui homens negros). Eu não lembro de ter muitos líderes religiosos casados com mulheres negras (me recordo de dois). Esse, aliás, sempre foi um dos meus questionamentos. Minha mãe sempre trançava meu cabelo pra “abaixar”. Não tinha produtos pra cabelos crespos. A gente se virava como podia. Até hoje (com tanta discussão sobre o assunto) costuma ser difícil superar alguns obstáculos e conseguir o mesmo destaque na vida, no trabalho e nos relacionamentos. “Você é linda” eu sempre ouço. Mas na hora das oportunidades... sempre é melhor escolher o que agrada mais a maioria. E a maioria não quer ver pessoas negras em destaque. (Quem puder assista no YouTube o mini-documentário “A negação do Brasil - os negros na telenovelas). Ontem olhando essas fotos eu vi o quanto superei tudo isso é decidi postar pra outras meninas que viveram situações parecidas com as minhas entendam que a gente não precisa SER aceita. A gente precisa SE aceitar. Isso já é um ótimo início. Não. Isso não é mimimi. Isso não é uma tentativa de chamar a atenção. É uma tentativa de chamar à reflexão. Você não precisa “achar um negro bonito”. Precisa lutar pela equidade racial porque é um dever de qualquer ser humano ‘de bem’.

Conclusão

O objetivo desse trabalho foi analisar o papel da representatividade de mulheres negras jornalistas para meninas negras, que se veem ocupando espaços importantes como as apresentadoras negras ocupam hoje. Constata-se que é criada uma relação de identificação entre as apresentadoras e repórteres e as telespectadoras mirins, que parte do princípio da semelhança, como pela cor e pelo cabelo. Desperta-se desejos e sonhos nessa juventude, que antes não partiriam pela tela da televisão.

Cerca de 97% dos domicílios no país possuem um aparelho de televisão, de acordo com dados do IBGE, sendo assim, a televisão continua sendo um dos meios mais assistidos pelos brasileiros. Portanto, faz-se necessário a presença de negras e negros na televisão brasileira, desconstruindo padrões antes predominantes e rompendo com antigas normas e determinações estéticas. Como a autora Djamila Ribeiro coloca no seu livro “Pequeno Manual Antirracista”, se a população negra é a maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder deveria ser algo chocante. Portanto, uma pessoa branca deve pensar seu lugar de modo que entenda os privilégios que acompanham a sua cor. Isso é importante para que privilégios não sejam naturalizados ou considerados apenas esforço próprio.

É preciso ir além de ocupar os espaços. Um dos caminhos é diversificar as pautas dos telejornais hoje, inserindo o combate ao racismo e proporcionando discussões que

apresentem o mundo tal como ele é, plural. De fato, é possível compreender que houve avanços nos últimos anos quanto ao maior número de negras e negros ocupando espaços e cargos de grande visibilidade. Porém, é só o início de uma luta, que já existe há tantos anos, mas que ainda colhe os primeiros frutos.

REFERÊNCIAS

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 89-98, mar. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772006000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 maio 2021.

ALMEIDA, Cássia. YONESHIGUE, Bernardo. Abismo salarial entre negros e brancos é o maior desde 2012. *O Globo*. Rio de Janeiro, 14 de março de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/abismo-salarial-entre-negros-brancos-o-maior-desde-2012-24924441>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

PAIVA, Talita. CAMPOS, Ana Paula. As mulheres negras e o enfrentamento ao racismo no Brasil: elementos introdutórios. *Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*. Vitória, Espírito Santo. Dezembro, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22329/14834>

MEMÓRIA GLOBO. Glória Maria. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/gloria-maria/>

MEMÓRIA GLOBO. Zileide Silva. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/zileide-silva/>

CASTRO, Natalia. Referências no jornalismo, Heraldo Pereira, Joyce Ribeiro, Zileide Silva e Glória Maria pedem diversidade. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de nov. de 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/referencias-no-jornalismo-heraldo-pereira-joyce-ribeiro-zileide-silva-gloria-maria-pedem-diversidade-10785336>. Acesso em: 10 de abril de 2021.